

Passagens



Passagens. Revista Internacional de História
Política e Cultura Jurídica

E-ISSN: 1984-2503

historiadodireito@historia.uf.br

Universidade Federal Fluminense
Brasil

Neder, Gizlene; Cerqueira Filho, Gisálio

EDITORIAL

Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, vol. 6, núm. 3, septiembre-
diciembre, 2014, pp. 412-414

Universidade Federal Fluminense
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337331847001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

EDITORIAL

Passados seis anos desde o lançamento de ***Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica***, gostaríamos de retomar a discussão proposta no primeiro editorial, publicado em janeiro de 2009. Isso porque ***Passagens*** tem como meta constituir-se em espaço de sociabilidade no campo do humanismo crítico, visando à qualidade e tem procurado a ampliação da visibilidade da discussão acadêmica pertinente no Brasil e no exterior, com destaque estratégico para a América do Sul.

Primeiramente, queremos destacar a recorrente qualidade dos textos publicados, que se repete neste fascículo (volume 6, número 3, setembro-dezembro de 2014). Conseguimos uma harmonia entre aspectos que nos são caros: a qualidade e a importância acadêmica dos autores que escolhem submeter seus artigos para ***Passagens***; e a ênfase na interdisciplinaridade (o fascículo contém um artigo do campo da Psicologia, um artigo do campo das Ciências Sociais, três outros do campo jurídico, além de três dos campos da História). Chamamos a atenção para a presença recorrente de artigos resultantes de projetos de pesquisa de seus autores.

O campo intelectual, e especialmente os intelectuais que estão inseridos na dinâmica das exigências acadêmicas universitárias e das agências de fomento à pesquisa e à pós-graduação no Brasil (e quiçá no exterior igualmente) sabem das dificuldades experimentadas pelos pesquisadores que se aventuram e perseveram na produção de uma reflexão que contemple uma perspectiva epistemológica interdisciplinar na produção do conhecimento humanista. Precisamente o intelectual deste campo, tão aberto e diversificado, mais suscetível à proclamação de adesão às modas intelectuais, vem (também ele) se constituindo cada vez mais em agências corporativas que atuam nas instituições financiadoras. Talvez isso ocorra pelo notório descaso com que estas mesmas agências tratam as ciências humanas, reservando-lhes as menores fatias na divisão das verbas para pós-graduação e para o desenvolvimento das pesquisas. Neste caso, a “corrida ao ouro” leva a um excesso de pragmatismo e possibilita a emergência das “práticas do favor” entre os pesquisadores, linhas temáticas e grupos de pesquisa. Não vamos, portanto, insistir em interpretar os efeitos nefastos da secundarização da perspectiva interdisciplinar sobre a produção de conhecimento nas áreas de fronteiras do conhecimento humanista. Queremos tão somente apontar os disparates: numa altura em

que se consolida e expande a “crença” científica nas práticas de pesquisa e produção de conhecimento para os quais se convoca a capacidade dos intelectuais de pensar com mais de um campo de saber, encontramos no Brasil o fortalecimento do corporativismo acadêmico.

De fato, “pensar com” mais de uma referência implica procedimentos epistemológicos muito mais radicais e abrangentes do que simplesmente ler, recepcionar e apropriar autores e obras de outro campo de saber (historiadores que trabalham com a antropologia praticada por Clifford Geertz; economistas ou sociólogos que trabalham com o método histórico de Karl Marx; por exemplo). A exigência da inovação epistemológica na contemporaneidade nos obriga a ler, recepcionar e apropriar autores e obras de mais de um campo de saber, com todas as vantagens e custos de moradores de mais de uma cidade. Quer dizer, manter duas moradas implica participar de congressos e arriscar apresentar os resultados de seu trabalho em mais de uma “língua acadêmica”, com seus cacoetes, particularidades e novidades científicas. Muitas vezes é num comentário, vindo de outro olhar formado em outras escolaridades, que um impasse na pesquisa pode ser desvendado, como já havia apontado Thomas Kuhn na década de 1960!

Passagens foi fundada em Milão, como marca de cidade de passagens e muito mais, durante o encontro anual do *Research Committee on Sociology of Law* realizado entre os dias 09 e 12 de julho de 2008 na Lombardia (Milão e Como). Como dissemos na inauguração de nosso primeiro fascículo: “(...) *Passagens* saúda a crítica especializada, convoca todos e todas que têm interesse nesta “linha de passe” e pede passagem”. Ainda segundo nosso primeiro editorial,

“ (...) o significado de **Passagens** (...) contexto das mudanças ensejadas pelo fim da guerra fria e da reconfiguração possível tanto do poder quanto da cultura, mas especialmente jurídica, que embasam e sustentam os novos arranjos históricos. Não é de se desprezar o quanto a cultura jurídica, especialmente no Ocidente, se inscreve na cultura religiosa de acento tomista (Santo Tomás de Aquino). Entretanto, podemos dizer que, nos últimos tempos, o iluminismo talvez tenha produzido uma cegueira no que concerne às emoções e afetos na política (*emotion in motion*) e especialmente para com os sentimentos e emoções (*inconscientes*) referidas às etnias e às religiões. Daí o retorno do reprimido. Todos estes aspectos, hoje revalorizados, implicam trocas e passagens intensas. **Passagens** se pretende um veículo de sociabilidade aberto às distintas teorias e reflexões. Estamos firmando posição favorável ao questionamento dos

dogmatismos e fundamentalismos teóricos, visando o estímulo do confronto e debate entre teorias e metodologias. Consideramos que o tempo presente nos solicita a todos, trabalhadores nas ciências humanas, na consideração de novos objetos e paradigmas.

Por outro lado, a expressão Passagens é também uma alusão ao encontro das gerações nos espaços universitários. (...) De nossa parte, queremos estimular as parcerias acadêmicas, mas atentos à necessária renovação de gerações. Bolsistas de mestrado e doutorado, realizando estágios docentes, escrevendo artigos científicos em coautoria com professores orientadores e participando em congressos, atividades de administração acadêmica e editorial, estes são alguns exemplos de encontros de gerações distintas altamente proveitosos e fecundos. Em assim sendo, a expressão passagens apresenta outra conotação original; de “passe”, no que concerne à autorização de cada novo pesquisador como cientista apto a entrar na comunidade acadêmica e exercer o seu ofício. Entretanto, sem que se percam de vista as defesas de tese e os concursos públicos na expansão da atividade docente. Se Karl Marx, um dia designou como “batismo do conhecimento” esse ritual de passagem, Jacques Lacan apropriou-se do eco, também religioso, porém com raízes afro, do significante ‘passe’, para aludir a esse momento singular em que alguém se assume como psicanalista. A expressão passagens contém em si mesma um aspecto bem interessante de dinamismo, de processo em curso, de mudança. Finalmente a expressão passagens também se vincula à questão da ação, compreendida no âmbito da passagem ao ato irrevogável e que não tem volta. Tendo em vista a relação entre a teoria política (pensar) e a prática política (agir) para usar expressões difundidas¹, a ênfase nas contradições e ambivalências entre o pensar e agir podem se deslocar para outra ordem de decisão, onde o sentir e os afetos, as emoções, inclusive aquelas inconscientes, têm um papel preponderante. Nesse caso, a intuição e a abdução são ferramentas metodológicas imprescindíveis”.

Gizlene Neder
Gisálio Cerqueira Filho

Editores

¹ Cerqueira Filho, Gisálio (1982). *A questão social no Brasil: crítica do discurso político*, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, Coleção “Retratos do Brasil”, Vol. 162.